



Director literario:

Ataquadesampato
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Marcolli
PAPUSSE



NOITE DE NATAL

Por FERNANDO A. SIMOES

Desenhos de E. MALTA



NEVE caia, caia sempre.

Caia em grandes flocos, brancos, duma altura imaculada.

Nada poupava: ruas, telhados, jardins, tudo, em toda a parte da caia, até no telhado duma casinha humilde, pobre, na qual havia já bastante tempo que se iniciava uma formidável luta entre a sciência e a morte.

Nessa casinha, pobre e humilde, morria lentamente Arturinho, uma criança de 8 anos,

oito anos de doença, febris e agitados.

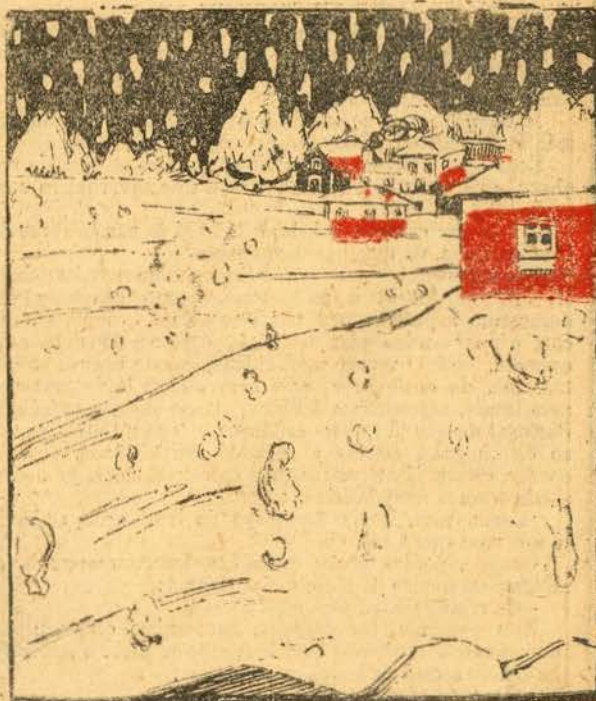
Na sua curta idade, poucos haviam sido os dias em que doença alguma o importunasse.

Havia já um ano que caíra de cama, e não mais tornara a levantar-se. Ultimamente, até, a doença agravara-se de tal forma que todos os dias se aguardava um funesto resultado.

Ora, durante os seus oito doentios anos, um sonho, um único sonho, animara Arturinho: o possuir um cavalinho de papelão.

Quantas vezes, quando a doença se dignava permitir que a sua mãezinha o levasse a passear um bocadinho até à Avenida, os seus olhos, olhos grandes de doente, seguiam avidamente aqueles «felizes» que, tendo saúde e dinheiro, montavam intrepidamente os seus cavalinhos de papelão, e, tumba que tumba que tumba; faziam, pelo seu arrojo, o espanto de todo: aqueles que os viam.

Muitas vezes o surpreendia a mãe naquela melancólica contemplação. Pobre mãe! O seu desejo seria decerto satisfazer o seu Artur.





Mas como? Ai dela! O dinheiro mal lhe chegava para as despesas domésticas e para as cruéis exigências da doença do seu pequenino.

Subiam-lhe então as lágrimas aos olhos, e, para as disfarçar, via-se obrigada a pegar em Arturinho ao colo e a cobrir-lhe de beijos as pálidas faces.

Oh! o desejo de Arturinho, por grande que fosse, era ainda suplantado pelo desejo da mãe em lho satisfazer.

Um dia em que Arturinho, deitado na sua pobre caminha, sonhara que tinha a suprema ventura de possuir um cavalo de papelão, deparou-se-lhe, ao despertar, o rosto bondoso duma senhora, ricamente vestida, que ele não conhecia.

Junto dela, sua mãezinha ocupava-se em mexer um remédio que tencionava dar-lhe quando ele acordasse.

Logo que o tomou, os seus olhos fixaram-se naquela senhora, que ele não conhecia, como que aguardando uma explicação.

— Não me conheces, Arturinho? Já te não lembras da tua madrinha, de quem gostavas tanto?

Não; Arturinho não se lembrava; nem admira; tinha ele dois anos quando a sua madrinha, bondosa senhora bem duramente experimentada nos revezes da fortuna, partira com o seu marido para o Brasil, o Brasil do sonho e da quimera, onde tiveram a felicidade, devida apenas ao seu trabalho, de enriquecer; seis anos depois já descansados pelo futuro, regressavam à Pátria, ao seu eternamente lindo Portugal de que já tinham saudades, e logo no dia seguinte ao da chegada, correram a casa do seu afilhado, de cuja doença estava já informada pela correspondência que com a mãe trocava amiudadamente.

— Como, pois, havia Arturinho de lembrar-se, se havia já seis anos que a não via?

Quando, porém, soube quem era, descerraram-se-lhe os lábios num sorriso de alegria e perguntou:

— É minha amiguinha, pois é?

Esta pergunta, tão ingenua, tão simples, comoveu profundamente a madrinha que, curvando-se sobre o seu leito, lhe cobriu a cara de beijos, exclamando:

— Decerto que sim! Muito, mesmo!

Pareceu então ficar mais descansado, e, contente, satisfeito, entabou com a madrinha uma animada conversação, apenas de quando em quando interrompida por algum ataque de tosse, ou por a mãe que lhe vinha ajeitar a roupa ou trazer qualquer remédio.

Como era natural, no decurso da conversação, a madrinha teve ensejo de reparar no pensamento constante do seu afilhado, o cavalinho de papelão.

— Gostavas então muito de ter um cavalo? perguntou ela depois de, pela décima vez, o ter ouvido falar nêle.

— Se gostava? Muito! Oh! Muito!

E os seus olhos, melhor ainda que os seus lábios, exprimiam irreprimivelmente a satisfação que lhe daria o ver o seu sonho transformado em realidade.

Então a madrinha teve uma idéa.

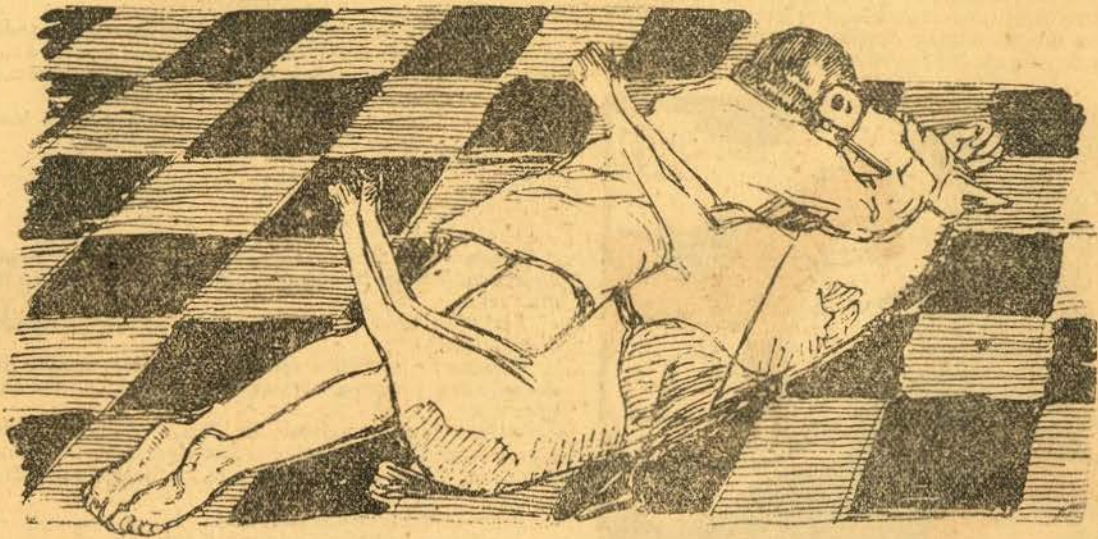
— Olha, Arturinho: nós estamos em meados de Dezembro; dentro de alguns dias será a noite de Natal, a noite em que o menino Jesus anda distribuindo brinquedos pelas chaminés. Porque não pões tu, nessa noite, o teu sapatinho na chaminé? Talvez que, como tens sido bonzinho, o menino Jesus te dê o cavalinho que tanto ambicionas.

Isto foi uma revelação para Arturinho. Nunca ele ouvira semelhante cousa, e ignorava absolutamente que todos os anos, na noite de 24 a 25 de Dezembro, costumava o menino Jesus levar brinquedos a todos aqueles que põem os seus sapatos na chaminé.

Quis então saber bem como era, o que era preciso fazer-se, se era mesmo o menino Jesus quem trazia os brinquedos, e só parou de fazer perguntas quando no seu pequenino cérebro não havia a mais pequena dúvida.

E então foi uma enorme torrente de risos, de afirmações de gestos, de tudo enfim quanto pudesse demonstrar a satisfação que sentia.

E quando, pouco depois, a madrinha se levantou para sair, Arturinho, voltando-se para o outro lado, adormeceu serenamente, sonhando com cavalos, com sapatos e com chaminés muito branquinhas, sem ter chegado a ver sua mãezinha chorar de contentamento, por algumas palavras que, em voz baixa, lhe havia dito a madrinha, antes de sair.



Véspera do Natal!

Nas enormes e importantíssimas oficinas celestes milhares de trabalhadores, nenhum dos quais excede a idade de dois anos, e tendo todos nas costas um formosíssimo par de asas, trabalham activamente na confecção de brinquedos.

Que enorme, que prodigiosa actividade!

Sobem, descem, correm, empurram-se, chamam-se, gritam, martelam, pintam, furam, tudo com uma rapidez tão grande que assombra.

Nunca, no entanto, se zangam, e é sempre sorridentes, satisfeitos, que se entregam às mais árduas tarefas.

Ali está um, com a cara completamente coberta de tintas de variadíssimas cores, rodeado de uma enorme quantidade de latas de tinta, e segurando na mão uns pincelinhos com que vai pintando de azul, verde, amarelo, preto, cinzento, encarnado, etc., etc., etc., as centenas de minúsculos automóveis que têm na sua frente.

Aqueles dois, além, cheios de calor, colocam nas forjas umas delgadas tiras de aço, às quais tencionam dar depois a forma de espadas. Têm a cara toda suja de carvão, estão quasi pretos, no entanto, a boca constantemente aberta num sorriso, patenteia a todos a alvura dos seus dentinhos de marfim.

E aqueles outros? Que andam eles fazendo, em doidas correrias pelo céu?

Ah! Já sei! Acabaram há pouco de fazer algumas dúzias de triciclos e, crianças como são, não puderam resistir à tentação de os experimentar, pelo que largaram o trabalho. Riem-se muito, e, por vezes, largam os guilhões para bater palmas, tão grande é o seu contentamento.

Mas eis que, num momento, todos se calam, rindo-se só à sucapa e voltando apressadamente para trás. Que foi? Que terá acontecido?

Foi o papá Natal que, ouvindo aquele enormíssimo barulho, saiu do seu gabinete de estudo e vem repreender brandamente os autores do motim, ameaçando-os de lhes não

dar de jantar nessa noite, ameaça que eles acolhem com gargalhadas, por bem saberem que se não realizará. Papá Natal acaba também por sorrir-se, e retira-se depois de lhes recomendar que acabem depressa os brinquedos que estão fazendo, pois é nessa noite que ele, com o menino Jesus, terá de fazer a sua anual viagem pelas chaminés da Terra.

Pronto! Não foi preciso mais. O receio de não poderem ter prontos os brinquedos à hora marcada, tanto mais que eram quasi horas de fechar as oficinas, pôs ponto final às brincadeiras, e todos, com enorme actividade, procuram desempenhar-se o melhor possível das tarefas de que foram incumbidos.

Um bocadinho depois, estão todos os brinquedos prontos e expostos em cima de uma grande mesa. Que lindos são! Automóveis, triciclos, gaitas, tambores, cornetas, pianos, espadas, arcos, bolas, palhaços, soldados, combóios com máquinas, linhas e tudo, e muitas, muitas mais coisas, todas tão bonitas tão bem feitas, que é até um gosto vê-las.

Os anjinhos, contentes, satisfeitos com os lindos resultados do seu árduo trabalho, fazem, em volta da mesa, uma grande roda, e, rindo e cantando, aguardam apenas que toque a sineta para saírem das oficinas e irem jantar.

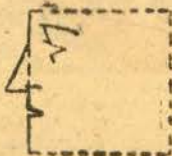
Mas... que é aquilo? Um anjinho em quem todos reconhecem imediatamente o secretário do menino Jesus, entra precipitadamente na oficina, agitando na mão um papel.

— Olá meninos, — (brada com a sua vizinha de anjo que ele pretendia tornar de pessoa séria), — basta de brincadeiras! Há melhor do que isso para fazer. Tenho aqui um decreto com força de lei, do menino Jesus, no qual determina que, embora seja necessário fazer horas extraordinárias, se trate imediatamente da confecção de um cavalinho de papelão.

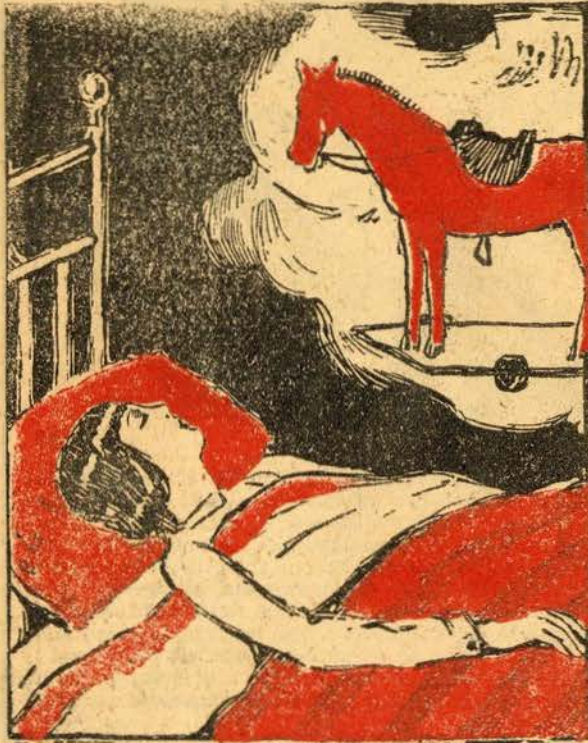
Seja dito em abono da verdade: não foi com muita satisfação que os pequeninos operários ouviram a ordem, mas depressa pensaram que o menino Jesus não era pessoa que mandasse fazer coisas sem elas serem necessárias. Por conseguinte, ele que mandava fazer o cavalinho de papelão, lá tinha as suas razões, e necessário se tornava satisfazê-lo imediatamente.

Mãos à obra.

Lição de desenho



Enquanto uns preparam a massa outros arranjam as tintas, outros cortam fitas de couro para fazer os freios, outros ainda preparam a tábua em que o cavalinho há-de assentar, bem como as rodas, ao mesmo tempo que um outro anjinho tira



medidas, faz cálculos e esboços, e aplica até a regra de juro para descobrir, ao certo, quantos dentes há-de o cavalo levar.

— Brrr! Que frio!

Papá Natal todo se encolhe, pois está realmente um frio de rachar. Não perdeu no entanto, a sua alegria, pois estaria disposto até a suportar um frio mil vezes maior, só para ter o prazer de acompanhar o menino Jesus na sua viagem às chaminés da Terra.

E é que eles vão partir imediatamente.

S. Pedro corre pressuroso a abrir-lhes a grande porta, e os dois generosos caminheiros, após muitos abraços, muitos vivas e intermináveis adeuses dos anjinhos que até à porta os acompanharam, partem, dispostos uma vez mais a levar a alegria a todas as crianças que, durante um ano, se comportaram ajuizadamente.

A neve cai em grandes flocos, enche os caminhos, cerca as pessoas, a tal ponto, que nem se consegue perceber se as grandes barbas de Papá Natal estão brancas por o serem realmente, se pela neve que nelas caiu.

— Mãezinha? Minha mãezinha?

— Leve-me a ver como está o sapatinho! Gostava tanto de ver!

— Não, filho. É impossível. Estás muito doentinho, e se te levantasses seria muito pior.

— Mas então diga-me: como é que o pôs?

— Olha: eu varri e lavei a chaminé, puz o fogareiro a um canto, estendi, no meio, uma toalha, e depois, em cima da toalha, puz o teu sapatinho, que está muito bonito, muito bem engraxado.

— Que lindo deve estar! Mas é pena não poder ir vê-lo, não é? Estou muito doente!

E Arturinho, pois fora ele que com a mãe travara este pequeno diálogo, quedou-se pensativo, meditando, sem dú-

vida, nos motivos imperiosos que o impediam de ir vê-lo o seu sapatinho.

E por entre o tic-tac compassado do velho relógio, poder-se-ia ouvir o pobre doentinho soltar um débil suspiro e murmurar, ao mesmo tempo que dos olhos lhe escorregavam silenciosamente duas grandes lágrimas:

— Meu Deus! Perdôa-me as maldades que eu tenha feito, se é por causa delas que eu sou tam doente.

Levando pela mão, o velho Papá Natal, ajuizado ao péso do enorme saco de brinquedos, caminhava apressado o menino Jesus.

Era meia noite, a hora de começar, enfim, a generosa distribuição.

Pararam; e o menino Jesus, puxando dum enorme livro de moradas, procurou, atentamente, na letra «A» um qualquer nome.

— Ah! Cá está! exclamou êle. Rua... número 15, murmurou a meia voz. Orientou-se em seguida por um grande roteiro da cidade do sítio onde essa rua ficava, e depois foi só andar.

Cinco minutos depois estavam lá.

Era a casinha humilde do pobre Arturinho.

Mal chegaram, Papá Natal, deixando escorregar das costas o pesado saco, soltou um suspiro de alívio, enquanto o menino Jesus, abrindo-o com mil cuidados, tirava de dentro um bonito cavalinho de papelão.

Que lindo era!

Como o meigo Arturinho havia de ficar contente ao vê-lo como os seus sonhos se haviam transformado numa tam linda realidade!

Mas êle dormia, aproveitando um pálido descanso, concedido pela sua cruel doença, e nem sequer podia imaginar que àquela hora, o menino Jesus entrava surreitamente pela



chaminé da sua cosinha, deixava-se escorregar por ela, e ao chegar abaixo, ao sítio onde, nos outros dias, a sua mãe costumava ter o fogareiro, os tachos e as panelas, procurava com a vista o seu sapatinho, e ao vê-lo, tam bonito, tam limpi-



nhô, punha-lhe em cima o bonito cavalinho de papelão, após o que voltava novamente a subir a chaminé, sorrindo satisfeito.

Seis horas da manhã.

Lá fóra a neve caía, caía sempre; estava uma perfeita manhã de inverno.

Amanhecia.

Pouco a pouco, lentamente, as trevas desapareciam assustadas ante a luz que chegava.

Acabava o relógio de Arturinho de bater as seis pancadas, quando este despertou.

Dos olhos deslizavam-lhe suavemente duas lágrimas; como tantas outras, sonhara uma vez mais com o cavalinho de papelão.

Mas desta vez, oh!, desta vez o sonho fóra bem triste: sonhara que tinha já amanhecido, que havia já nascido o famoso dia de Natal; sua mãe andava já a pé, e ele pedira-lhe insistentemente que fôsse à chaminé buscar o cavalinho que o menino Jesus havia forçosamente de lá têr pôsto; ela foi, e enquanto não voltou, Arturinho, na sua cama, fazia, radiante, projectos de longas passeatas no seu intrépido cavalinho.

Mas que decepção, que desilusão amarga, ao vê-la regressar com as mãos vazias! Ao contrário do que lhe havia dito a sua madrinha, o menino Jesus não lhe levava o cavalinho!

Chorava, então, chorava amargamente, e despertou com a maguada comoção que o sonho lhe produzira.

Durante alguns momentos apesar de despertar, as lágrimas continuaram a cair-lhe pelas emagrecidas faces, e qual de nós, leitores do «Pim-Pam-Pum» não choraria também? Vêde se tinha ou não razão em chorar aquele inocentinho que jamais, na sua curta vida, fizera mal algum, e a quem o Destino se comprazia em fazer sofrer!

Pois quê? Não bastava já o impedi-lo de saltar, de passear, de correr, como todos os outros rapazes da sua idade, visto que uma feroz doença o retinha, quasi continuamente, no leito? Era ainda necessário o seu supremo, senão o seu único desejo?

Decerto; Arturinho tinha o direito de chorar. E aquelas lágrimas, oh!, aquelas lágrimas valiam bem um veemente protesto contra os caprichos do Destino, que, enquanto a uns oferece, quasi de joelhos, todas as felicidades, nega, com sobrançeria, as mais pequenas a outros!

Súbito, num gesto sacudido, limpou as lágrimas e que-
dou-se pensativo.

No seu espírito principiara a fazer-se luz.

— Não seria um sonho, o que tanto o havia entristecido?

«Teria realmente o menino Jesus sido tão mau que lhe não tivesse levado o cavalinho que a sua madrinha, em nome d'ele, lhe prometera?

«Quem sabe? Talvez que não.

E só então, se lembrou que o dia não viera ainda, que a sua mãe estava ainda deitada, e que, por consequente, era ainda cedo para desesperar.

Ante este pensamento, a sua tristeza foi substituída por uma grande impaciência.

Tardava-lhe vêr chegar o dia, e irritava-o a lentidão com que êle vinha.

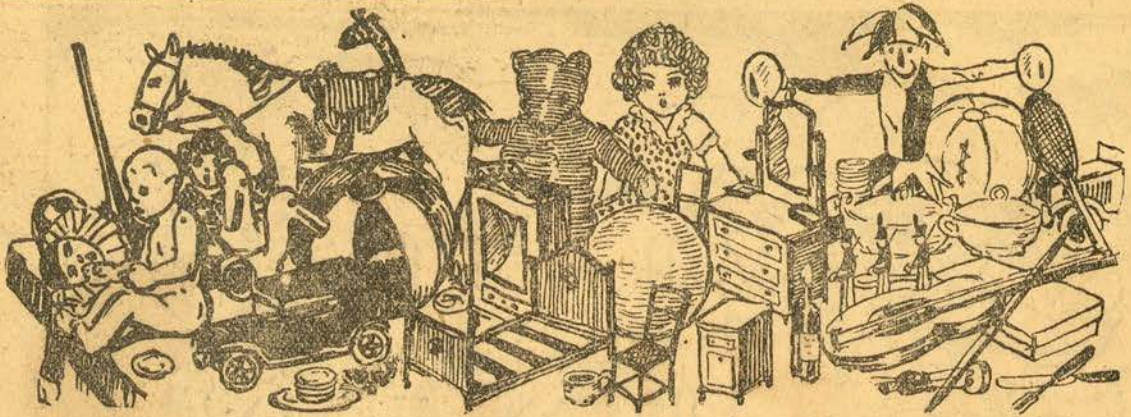
Embalde tentou de novo conciliar o sono. Sentiu, então, que lhe era absolutamente impossível o aguardar que se levantasse a sua mãezinha. A sua ansiedade, o desejo que tinha de vêr se o menino Jesus lhe levava o cavalinho não podia admitir delongas.

Lembrou-se de se levantar e ir certificar-se por seus próprios olhos, mas êle não ignorava que, doente como estava, isso era uma imprudência; que a sua mãezinha havia forçosamente de zangar-se com êle, e pôs, por instantes, essa idea de parte. Mas ela voltou logo, mais enérgica, mais forte, e Arturinho não lhe resistiu.

Soergueu-se; as duas pernas saíram-lhe de debaixo dos lençois, e acentou os pés no chão.

O frio era muito, e os dentes chocavam-se-lhe ruidosamente.

Teve um pequeno ataque de tosse, o que o fez reccar que sua mãe acordasse. Durante alguns momentos susteve a



respiração; por fim, como não ouvisse ruído algum, retomou novamente coragem e deu mais alguns passos.

Estava porém muito fraco, e as pernas, não aguentando com o peso do corpo, devido decerto à grande quantidade de tempo que, no leito, haviam estado inactivas, faziam-o cambalear, e por mais de uma vez se viu forçado a agarrar-se ao que o cercava.

Teve tentações de voltar para a cama. A consciência gritava-lhe que era uma gravíssima imprudência o que estava fazendo, mas, não obstante todos os seus esforços para voltar atrás, as pernas continuavam a andar-lhe para diante. Lentamente, trôpegamente, é certo, mas sempre para diante.

O quarto de Arturinho tinha duas portas: uma que dava para o quarto de sua mãe e outra que dava para a cosinha.

Foi para esta que se dirigiu.

Levantou a mão e agarrou o puxador.

Durante alguns momentos permaneceu indeciso.

¿Iria reber a desilusão que já em sonho havia tido?

Num gesto brusco, de repelão, deu a volta ao puxador e a porta abriu-se.

Era dia já. O sol não chegara ainda, mas a claridade, sua anunciadora, havia já muito que viera.

Ao abrir-se a porta, os olhos de Arturinho precipitaram-se sôzregamente no interior da cosinha, e foram cair num vulto branco que se via na chaminé.

Um estremecimento lhe sacudiu o corpo, e esfregou os olhos, julgando-se vítima duma ilusão.

Seria verdade? Seria realmente o cavalinho, o vulto branco que ele divisava, vagamente na chaminé?

Cambaleou, deu na cosinha, e, sem se dar ao acaso, súbito, porém, deu uma corrida, abriu os braços, e, ao fechá-los novamente, apertava nêtes a cabeça do cavalinho que, durante quási oito anos, havia sido o seu pensamento constante.

Apalpou-o; as orelhas... o pescoço... as pernas... oh! sim, sim!... era um cavalo!

Não havia que duvidar. A confirmação da sua esperança encheu-o duma alegria louca, arrebatadora.

Teve ganas de chorar. Impossível. Da garganta apenas lhe saíam uns sons roucos.

Caiu de joelhos, sempre agarrado ao pescoço do bonito cavalinho de papelão, e conseguiu então chorar.

Insensivelmente, quási sem êle dar por isso, o seu rosto, amarelo, macilento, aproximou-se do focinho do cavalo. As suas lágrimas molharam o focinho dêste, e... disse-lhe que também o cavalo chorava!

Os seus lábios, gretados pela febre, beijaram loucamente, sôzregamente o focinho do cavalo, e, durante alguns minutos, ouviu-se distintamente o ruído dos beijos, acompa-

nhado do ruído dos soluços. Mas as forças faltaram-lhe, e, pouco a pouco, os beijos foram diminuindo, até de todo se extinguirem.

Quiz ainda dar outro.

Foi um beijo longo, demorado, que parecia não ter fim. Arturinho tivera a intuição de que era o último.

E foi. Quando finalmente, os seus lábios ressequidos conseguiram despegar-se do cavalo de papelão, Arturinho, tombando para o lado, arrastou na queda, sempre abraçado a êle, o que fôra o sonho dourado dos seus oito anos...

A comoção de vêr realizada a sua mais fagueira esperança havia-o ilvrado para sempre das torturas da sua impiedosa doença.

E lá fôra, nas ruas, insensível a esta pequena tragédia, a neve caía, caía sempre...

■ F I M ■



HORA DO RECREIO

DOIS BRINQUEDOS

A BAILARINA NEGRA

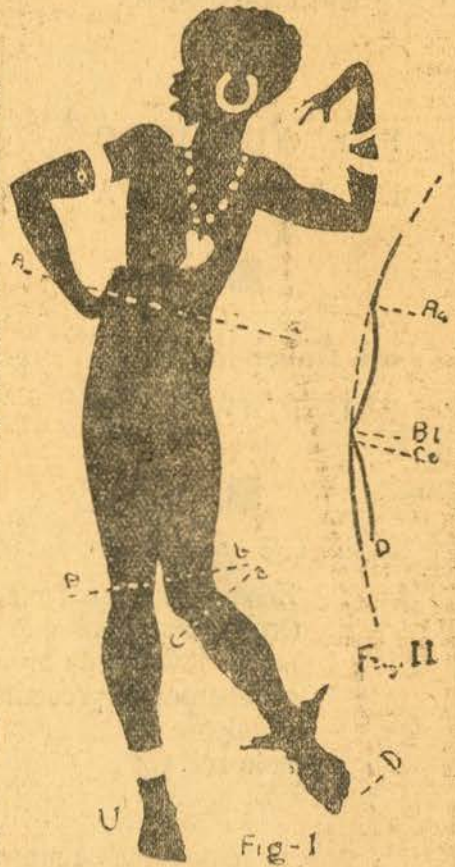
Vou inteirar-vos dum interessante divertimento que tão engraçado é para os vossos paizinhos, como para os vossos avózninhos, como para a vossa irmãzinha. E' muito fácil e barato.

Compras uma folha de papel lustroso preto, depois colóca-lo com a parte branca para cima. Vais, então, passar o desenho da nossa figura I para lá. Para isso serves-te dum bocado de papel quimico e dum lápis. Escusas de fazer as pulseiras, argola, etc., para te ficar mais fácil. Depois de estar passada, vais recortá-la com muito geitinho.

Já está quasi!...

Cortas agora num pedaço de papel branco e forte, (ou cartolina) um rectângulo de 16 cm. de comprimento por 9 cm. de largo.

Vais pôr cola na bailarina. Viras a parte branca para cima e pões só cola de A a, para cima, na perna U e no joelho da outra perna, isto é: entre as secções Bb e Cc. As partes compreendidas entre Aa, a Bb, e Cc, a D, ficam sem cola. Vaes colá-la ao rectângulo de maneira que fique bem ao centro. Arqueias o rectângulo como indica a Fig. II, e separas d'ele as partes da bailarina que não estão coladas como indica a mesma figura. Fazendo oscilar horisontalmente um fósforo acêso por detraz do rectângulo, verás a bailarina negra dançar à luz dum fósforo.



O COMILÃO

O comilão é um interessante brinquedo que nos dá a idéia do real.

E' de muito fácil construção e de espantoso aspecto. Recortar as duas figuras juntas, colá-las num pedaço de cartolina ou papel forte. Tornar a recortá-las, não esquecendo que tens de cortar também aqueles segmentos ponteados, que estão, um ao pé da orelha e o outro o que vai da abertura da boca até àquele número 2 pequenino que está debaixo do nó da gravata. Já está tudo feito.

Enfias de dentro para fóra a ponta A, no corte feito junto à orelha. Inclinas o nó da gravata levemente para traz, de maneira que o queixo possa entrar facilmente no corte ali feito.

Acertas o lábio superior com o inferior, e agora só basta movimentar a ponta A para baixo e para cima. Feito isto, já tens um cavaleiro que come mais do que tu, e que até é capaz de te comer a ti, se não tiveres cuidado.



O BOLO-

REI

Por AUGUSTO
DE SANTA-RITA

— Desenho de —
EDUARDO MALTA



Zeca, Maneca e Tuneca,
(três irmãozinhos que eu sei
serem levados da breca),
receberam de presente
excelente
bolo-rei!

Já sentadinhos à mesa,
em frente
do rico bolo,
aguardam, anciosamente,
a hora da sobremesa,
para verem a surpresa
que estará em seu miôlo!

Todo enfeitado,
doirado,
e embandeirado,
que belo!
Apetece-lhes comê-lo,
pois tem um belo sabôr;

mas de tudo inda o melhor
é o brinde que vem nêle,
embrulhado
num papel,
como o do ano passado:
uma mascotte, um anel,
uma menina
de França,
numa cestinha de trança,
pequenina!

Mas uma só coisa à Zeca
bastante desagradava,
pois sobretudo o Maneca
—(o mais levado da breca)—
por certo ria e troçava
se acaso lhe sucedesse:
—era que a sorte quizesse
que fôsse ela a ir... à fava!

FIM